

♥ **FABI SANTINA** ♥

VOCÊ
acredita
MESMO
em
SEGUNDA
chance?



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

CAPÍTULO 1



QUANDO A MINHA *bolha* ESTOUROU, TUDO PARECIA TER MAIS *intensidade*



VIAJAR! Para muitos é um *hobbie*, mas pra mim é mais do que isso, é uma paixão. Conhecer lugares novos, outras culturas, experimentar novas experiências, sair da rotina e se aventurar. Aprendi a gostar cada vez mais e mais de viajar. Eu estava dentro de um avião rumo a Nova York, mas não era só mais uma viagem ou uma aventura qualquer. Pela primeira vez em muito tempo, eu me sentia livre e com o desejo de viver a vida da minha maneira. Eu estava sozinha? Não! Estava muito bem acompanhada pela minha irmã Nina.

Era maio de 2014, mês do nosso aniversário. Sim, fazemos aniversário no mesmo mês, as duas taurinas, mas não somos gêmeas, eu sou um ano mais velha, apesar de em muitos momentos ela ser a minha conselheira. Acho que a vida toda nós fomos o apoio e a sustentação uma da outra. Inclusive, nós temos uma tatuagem para representar nossa amizade e nosso amor de irmãs. Fizemos um coração vermelho no dedo mindinho da mão direita, assim, quando damos os dedinhos, em promessa de amizade, os corações se encontram. Até hoje eu acho difícil de explicar nossa amizade, porque vai muito além disso, muito além do amor de irmãs, é uma conexão e um amor muito grande. Ou seja, não existia pessoa melhor para viajar comigo naquele momento.

Era hora de decolar! Celulares em modo avião, cinto apertado, olhos na janela e coração disparado. Sei que para muitos esse é um momento de muita tensão, para mim também é, só que uma tensão boa, uma adrenalina, uma sensação de que vem aventura pela frente. *Que louca, Fabiana, gostar de aventura é uma coisa, frio na barriga nem sempre quer dizer coisa boa.* Sim, mas nesse caso era uma mistura de

sentimentos e sensações: eu estava solteira pela primeira vez em anos. Apesar de parecer algo ruim, eu estava feliz. Além disso, estava com a minha irmã, que sempre foi a minha melhor amiga, claro que nós já tivemos nossos desentendimentos, o que faz parte e acredito ser super-normal numa relação de amizade.

Durante a viagem, não consegui descansar direito de tanta coisa que passava pela minha cabeça: faltavam poucos dias para o meu aniversário de vinte e um anos, apenas algumas horas para aterrissar em Nova York, tantos lugares para visitar, coisas para conhecer, comidas para experimentar. Não era a minha primeira vez na cidade, nem é meu lugar favorito no mundo, mas acredito que era o lugar aonde eu precisava ir e que eu precisava explorar naquele momento, uma cidade onde tudo acontece, mas ninguém te “julga”. A Nina já havia morado lá, fez um intercâmbio de quatro meses e conheceu bem a cidade, os pontos não tão turísticos, mas megadescolados, e estávamos dispostas a nos divertir.

O avião pousou e outra sensação me invadiu, confesso que gosto mais da decolagem do que do pouso. Estávamos em solo americano, mais alguns detalhes e estaríamos prontas para começar a nossa aventura. E foi uma aventura desde o começo, éramos nós duas e quatro malas enormes. Pegamos o metrô no aeroporto mesmo, rumo ao nosso hotel, que ficava pertinho da Broadway. Quando chegamos ao hotel, era só risada: os corredores pareciam assombrados, pouco iluminados, tipo o Hotel Transilvânia. E, pra melhorar, a Nina sempre foi super-medrosa, mais que isso, cagona mesmo, pra tudo que envolve filmes de terror, fantasma, escuro, ETs, dinossauros, SIM... dinossauros!

Depois que nos instalamos no quarto, malas abertas, banho tomado, maquiagem refeita, estávamos prontas para curtir o primeiro dia de viagem. Mesmo cansadas, não íamos perder tempo dormindo, porque em Nova York você dorme em dólar, né? *Ai, Fabiana, como você é!* No primeiro dia, a diversão foi garantida, acho que não tinha como ser diferente... nos perdemos pelas ruas de NY, fizemos comprinhas, comemos besteira e, quando o cansaço realmente bateu, voltamos para o hotel para dar uma recuperada nas energias, largamos as sacolas no chão e nosso corpo na cama.

Eu lembro que eu estava muito agarrada na Nina, tipo grudinho mesmo. Faltavam horas para o meu aniversário e naquele momento

eu só queria estar com ela e mais ninguém. Quando finalmente criamos coragem, trocamos de roupa, retocamos a maquiagem de novo e fomos para a famosa Times Square. Já havíamos passeado por diversos lugares de NY naquele dia, mas nenhum tem a energia que a Times tem. Ali, você se sente dentro de um filme, parece outro mundo, cheio de *outdoors* iluminados, lojas, turistas, atrações de rua. Chega a ser tão iluminado que às vezes parece dia, mesmo à noite.

A Nina diz que quem é de NY normalmente não vai pra Times, por ser muito lotada e cheia de turistas, mas nós éramos turistas, então estávamos lá. Entramos em diversas lojas, tiramos fotos, vimos um *out-door* enorme da Gisele Bündchen, e me lembro de ter sentido orgulho de ver uma brasileira que conquistou seu lugar no mundo. Um dia chegarei lá, não necessariamente na Times, mas conquistando o meu lugar no mundo.

Quando a fome bateu, fomos jantar no Hard Rock Café, pedimos umas batatinhas e um lanche pra cada. Eu pedi um drink, faltavam horas para eu ter vinte e um anos, então a mulher do restaurante deixou passar, porque nos Estados Unidos você tem que ter vinte e um ou mais para poder tomar bebida alcoólica. Tomei um drink, um só, mas foi o suficiente para me deixar alegrinha, ainda mais devido às circunstâncias todas. Eu já estava alegre, a bebida só potencializou um pouco isso. Mas logo pegamos o metrô e voltamos para o hotel, afinal, no dia seguinte, tínhamos muitos lugares para ir e era meu aniversário.

Acordei um ano mais velha, mas não senti diferença nenhuma, apenas um cansaço que eu sabia que não tinha nada a ver com a idade, e sim com o *jetlag* (que é quando o relógio biológico do corpo está fora de sincronia, por conta de um novo fuso-horário). Assim que acordei, já havia várias mensagens de parabéns de amigas, dos meus pais, da minha vovó e mais algumas pessoas. As minhas redes também já estavam cheias de mensagens dos meus seguidores me parabenizando pelo meu aniversário e, é claro, perguntando detalhes sobre a minha recente separação. Por quê? Eu meio que havia esquecido o assunto por pouco mais de um dia, por que tinham que me lembrar disso?

Eu entendi a curiosidade das pessoas, e naquele momento havia ficado óbvio pra mim que apenas aquele vídeo falando que eu estava solteira não seria suficiente para que compreendessem o que havia

rolado nem para pôr um ponto-final nessa história. Esse “ponto-final” virtual estava longe de acontecer, mas eu não sabia como lidar com isso, afinal, eu não sabia nem como lidar com os meus sentimentos sobre o fim do relacionamento.

Aí foi um caminho sem volta, não teve como minha cabeça não se encher de pensamentos. O que será que ele estava fazendo? Será que ia me dar parabéns? Será que estava pensando em mim? Será que ele tinha visto que eu não fiz a festa que falei que ia fazer e estava em Nova York? Será que ele viu que eu tô bem? Eu tô bem mesmo? Eu quero que ele me mande parabéns? Pra quê? *Para, Fabiana, hoje é seu dia, vai curtir!* Eu sabia, mas não teve como a minha cabeça não fazer esse rebuliço todo em apenas alguns segundos. Eu sou assim.

A Nina acordou, levantou e começou a se arrumar, então larguei meu celular e meus pensamentos e fiz o mesmo, afinal, era meu aniversário, motivo de comemoração e não de chateação. Saímos do hotel arrumadas, pelo menos na época eu achei que estava linda, mas olhando os vídeos hoje eu me pergunto: *por que usar essa calça toda colorida, Fabiana? POR QUÊ?* Mas, detalhes à parte, saímos pelas ruas com uma excitação estampada em nosso rosto, acho que já estávamos mais descansadas do que no dia anterior, sentimos a brisa fria da cidade tocando nossa pele ao mesmo tempo que o calor gostosinho da primavera nos aquecia e reconfortava.

A cidade estava movimentada como sempre, com seu ritmo acelerado que só metrópoles têm, flores coloridas por todo lugar, turistas com suas câmeras tirando fotos de tudo, pessoas estilosas com seus cafés nas mãos, atravessando a rua, executivos com suas pastas, pessoas estranhas e tudo junto e misturado em um único lugar. E no meio de tudo isso estávamos nós, mais uma vez perdidas, tentando descobrir para que lado devíamos seguir para chegar até a hamburgueria onde queríamos almoçar.

Eu amo hambúrguer, acho que é uma das minhas comidas favoritas no mundo. Não sei dizer qual é a favorita, a número um; sou taurina, uma das coisas que mais gosto de fazer é comer! Comer coisas gostosas me faz feliz, e comer hambúrguer no meu aniversário com certeza me deixava muito feliz. A Nina sabia disso, afinal ela é minha irmã e também é taurina, então fomos ao Shake Shack, onde ela considerava ter

o melhor hambúrguer que ela já havia comido na vida. Era realmente muito bom, muito saboroso e me fez feliz.

Depois do almoço, passamos o dia visitando várias lojas no Soho, que é um bairro famoso para quem ama fazer compras; fizemos algumas comprinhas, é obvio, e, quando as sacolas já pesavam demais, achamos que era hora de voltar para o hotel, afinal era fim de tarde. Pegamos o metrô, que é outra coisa muito peculiar da cidade – além de você encontrar todo tipo de gente, você encontra artistas de rua tocando violão, violino, trompete, cantando e coisas assim, algo que você só vê no subterrâneo de Nova York.

Chegamos ao hotel e comecei a pensar na roupa que usaria para sair para jantar, afinal, era meu dia e eu queria me sentir fabulosa. Comecei a mexer na mala, não consegui decidir muita coisa, então aproveitei a internet do hotel para dar uma checada nas mensagens de aniversário que eu havia recebido. Quando abri o Facebook, percebi uma notificação, uma no meio de centenas, que fez meu coração disparar: “Leandro te enviou uma mensagem”. Abrir ou não? *Fabiana, para de querer fazer suspense, você é supercuriosa, é obvio que vai abrir a mensagem!* Sim, eu sabia que eu não ia resistir, mas não sabia se estava preparada para ler o que ele tinha mandado, independentemente do que fosse.

Abri e li. Li de novo e mais uma vez só para ter certeza de que eu não tinha lido errado. Não podia ser verdade. Como ele teve a cara de pau, a pachorra de mandar aquilo? Não sei bem o que eu queria que ele tivesse mandado, acho que se fosse eu no lugar dele nem teria enviado nada, sei lá. Mas lá estava, na tela do meu celular, uma mensagem curta e breve do meu ex, dizendo:

Oi, Fabi! Parabéns pra você neste seu dia! Muitas felicidades e tudo de bom para você e sua família! Que consiga conquistar tudo aquilo que deseja... Beijinhos.

FALA SÉRIO! Pra mim, isso era mais uma mensagem de médico ou dentista que te manda parabéns por educação do que de alguém que já te amou. O que eu esperava? Nem eu sei, mas acho que eu preferia que ele não tivesse mandado nada. Fiquei irada, minha respiração ficou

acelerada, eu não estava acreditando naquilo, queria mandar textos e textos xingando ele, mas preferi não me “rebaixar” e só mandei: “👊”.

A Nina logo percebeu minha agitação, não tinha como não perceber, eu estava vermelha, sentia que meu rosto estava pegando fogo, por dentro era uma mistura de raiva e tristeza, acho que esperava mais, sendo que o certo era não esperar nada!

— Que foi, Fabi? — ela perguntou assim que me viu encarando o celular com a respiração ofegante como de quem estava correndo uma maratona.

— O Leandro... — falei sem pensar e sem saber como explicar. Naquele momento eu já sabia que ia levar um sermão e com razão.

— O que ele fez agora? — ela perguntou meio irritada.

— Ele mandou uma mensagem de parabéns pra mim no Facebook — eu disse emburrada.

— Tá. É o mínimo. Mas o que tem? — ela disse com uma cara de quem não estava entendendo o problema.

— Olha aqui a mensagem que ele me mandou. — Dei o celular para ela. — Parece mensagem de médico, fria, seca. Desejo tudo de bom pra você e pra sua família? É meu aniversário, o que minha família tem a ver com isso? — falei tudo numa respiração só, praticamente vomitei os pensamentos que estavam martelando na minha cabeça.

— Fabiana, você não vai deixar isso atrapalhar seu aniversário, né? Para, ignora. Não deveria nem ter respondido.

Eu duvido que, se fosse com ela, ela não teria respondido. Mas em uma coisa ela tinha razão, eu não podia deixar aquilo estragar meu dia. E ela concluiu:

— Vamos nos trocar pra sair.

E foi isso que fizemos. Finalmente consegui escolher minha roupa, me troquei, retoquei a make e passei um batom pink. Tá, até aí nada demais, certo? Mas e se eu te contar que eu tive nojo de batom a minha vida toda? Um nojo incontrolável, tipo uma fobia, mesmo?! Sabe, igual quem tem medo de aranha e fica paralisado quando vê uma? Eu era assim, só que com batom. Não usava de jeito NENHUM! Quando era obrigada a usar, ou quando algum maquiador passava em mim, eu ficava com a boca imóvel, com cara de nojo, como se fosse uma gosma contagiosa, falava estranho e na primeira oportunidade

limpava. Era assim com qualquer cor, tipo de batom, gloss, hidratante. E o meu problema não era só de passar, eu detestava – *ainda detesta, né, Fabiana, conta em off essa parte* – quando alguém me beijava no rosto com batom ou bebia no meu copo e deixava marca de batom. Me arrepiava a espinha só de imaginar a cena. Eu limpava na hora, na frente da pessoa, trocava de copo, parava de beber. Isso melhorou um pouco hoje, mas só um pouco. E por que raios eu decidi usar batom pink no meu aniversário?

Acho que toda essa liberdade que a minha vida havia ganhado fazia poucos dias tinha mexido muito comigo em vários sentidos, eu agora queria viver tudo que havia deixado de viver, não necessariamente porque o Leandro me impedia, e sim porque eu não me sentia merecedora ou até mesmo suficiente para fazer várias coisas. Fazia muito tempo que eu não me achava linda. Claro que havia momentos em que eu me olhava no espelho e gostava do que via, mas na maior parte do tempo o que eu via era uma menina querendo ser algo que ela não era para agradar os outros. Tá certo, isso? Claro que não, nós temos que fazer as pazes com o espelho, por mais que algumas coisas nos incomodem, mas nem por isso podemos deixar de nos amar, nos acharmos lindas, lindas com nossas dobrinhas a mais ou a menos, cabelos lisos ou crespos, cicatrizes, marcas que a vida nos deu, genética que veio de brinde e coisas assim. Eu fui percebendo isso, fui me redescobrimdo, e aos poucos passando a gostar mais e mais da Fabi ou das Fabis (porque a cada dia podemos ser de um jeito) que via no espelho.

E parte dessa redescoberta foi me arriscar a usar batom, coisa que eu não fazia porque tinha nojo e me achava feia usando. Então, mesmo com nojo, eu decidi encarar, passei um batom pink que havia comprado naquele mesmo dia, e escolhi um batom mate, pois sentiria menos a sensação de que havia um produto na minha boca. E funcionou, ele era bem sequinho e consegui não ficar pensando nele o tempo todo nem ficar com a boca paralisada, como se tivesse aplicado botox. E adivinha? Me achei linda! Me senti linda! Eu estava linda! E foi uma sensação incrível, como se um poder escondido crescesse dentro de mim pelo simples fato de eu ter usado um batom pink.

Para comemorar meu aniversário, fomos jantar em um restaurante italiano na Times Square. Não bastando a quantidade de comida que

comemos, saímos de lá em busca de uma sobremesa. Antes de fazer essa viagem, eu já sabia aonde queria ir para comer um bolo de aniversário: no Cake Boss! Na época, eu era superfã da série e sabia que eles tinham aberto uma unidade em NY, pertinho de onde estávamos. A Nina, que era fã como eu, endossou a ideia, e fomos até lá. Confesso que nos divertimos muito com a experiência, mas o gosto dos doces deixou a desejar, o doce americano é bem diferente do brasileiro. Mas tudo bem, sem crise, eu tinha realizado a vontade de conhecer o lugar.

O dia seguinte foi muito divertido: primeiro fomos a uma feirinha de comida, depois passeamos pelo bairro onde a Nina morou e até fomos à porta do prédio dela, depois fomos ao Bryant Park, que é um parque superpequeno comparado ao Central Park, quase uma grande praça arborizada no meio dos arranha-céus. Lindo, lotado de pessoas sentadas na grama, algumas na sombra e outras no sol, havia também algumas cadeiras, e assim que chegamos já fomos juntando o maior número de cadeiras vazias possíveis. Por quê? Porque nós havíamos anunciado para as nossas fãs que faríamos um encontrinho naquele domingo, no Bryant Park em NY, para as brasileiras que morassem lá ou que só estivessem passeando, assim como nós.

Sinceramente, eu não esperava que fossem mais do que cinco pessoas, mas foi chegando uma menina, depois outra, depois um grupinho que estudava junto, algumas estavam acompanhadas pela mãe ou pelo namorado, e o número de pessoas na nossa rodinha foi aumentando cada vez mais. Eu acho que éramos vinte e poucas pessoas reunidas, muito mais do que eu esperava, o que me deixou muito feliz, porque reunir essa quantidade de pessoas que nos acompanhava fora do país era uma coisa que nunca havia passado pela minha cabeça. Antes de as pessoas começarem a aparecer, eu me perguntava: “Será que vem alguém?”, “E se não vier ninguém?”. Eu estava com medo, um medo real que tenho até hoje. Toda vez que faço eventos desse tipo, sempre me pergunto por que alguém iria me ver. *Opa, Fabiana, encontramos aí um ponto a ser trabalhado, hein?*

Com todas as meninas sentadas em círculo, pudemos conversar, responder a perguntas e curiosidades, conhecer mais de cada uma que estava ali, e foi muito legal! Um momento entre amigas, sabe? Tinha um grupinho de meninas que estava fazendo faculdade lá, tinha uma

menina que era modelo e estava trabalhando em NY (hoje é uma superatriz global, fico superorgulhosa quando a vejo conquistando seu espaço), havia algumas que estavam passeando com a família ou os amigos e tiraram algumas horinhas do dia para estar ali com a gente. Foi muito especial, a conversa foi sem barreiras, como se já nos conhecessemos há anos. Claro que a minha recém-chegada à vida de solteira foi um dos tópicos da conversa; não entrei em detalhes sobre o término, ainda era muito recente pra mim, mas não perdi a oportunidade.

— Meninas, vocês que moram aqui, tem alguma balada legal pra indicar pra gente? — perguntei animada.

— Olha, tem algumas, mas quando você quer ir? — respondeu uma delas.

— Acho que hoje não dá, mas amanhã rola — falei com esperança na voz.

— É, amanhã é segunda, temos que ver o que vai estar aberto, mas sempre tem alguma coisa legal rolando — respondeu outra menina, pensativa.

— Ué, essa é ou não é a cidade que nunca dorme? — perguntei, rindo da minha própria piada.

— Sim, mas não são todas que abrem na segunda-feira. E você, Nina, vai também?

— Ah não, não tenho 21 ainda, né? — ela respondeu sem parecer chateada com o fato de que não poderia ir para a balada.

Conversamos mais um pouco, trocamos nossos números de telefone para que pudéssemos combinar de nos encontrar no dia seguinte e ir para a balada. Algumas meninas não iriam também, ou por não terem idade ou por terem outros compromissos e coisas assim. Mas eu encontrei um grupo de cinco meninas que estavam animadas como eu para viver esse momento, e, como elas moravam lá há alguns meses, deixei que elas resolvessem tudo.

Depois de muito papo e conversa no parque, algumas meninas já haviam ido embora, nós continuávamos lá e a fome começou a surgir. Então decidimos ir jantar com a galera, foi superdivertido e um fim de noite muito gostoso. Depois disso, fomos para o hotel, e eu só conseguia pensar na balada do dia seguinte. Eu ia beijar alguém? *Calma, Fabiana, você acabou de ficar solteira, não precisa ir com tanta sede ao pote.*

Eu sei, mas eu não sabia o que era isso havia mais de três anos, será que eu estava pronta para paquerar e cair na pista? Só ia descobrir testando.

E a segunda-feira começou, era uma manhã geladinha em NY, fomos tomar café em uma cupcakeria, depois passeamos pelo Central Park, que é outro lugar da cidade que te faz se sentir dentro de um filme, vimos pessoas passeando com seus cachorrinhos, o que me fez sentir muita saudade da Amora, que estava sendo muito bem-cuidada na casa da minha mãe, com nossos outros cachorros, mas eu a queria dormindo comigo na cama. Fizemos algumas compras, almoçamos pizza e fomos a algumas lojas de decoração, porque eu ainda estava terminando de decorar meu apê. Voltamos para o hotel carregadas de sacolas e eu comecei a me arrumar para a balada. Sim, a ideia continuava de pé.

Coloquei uma saia preta com pérolas, uma camiseta preta e sapatilha, fiz uma make com glitter dourado, afinal eu estava a fim de ser notada. Eu ainda estava me arrumando no hotel, mas meu estômago já estava revirado. Quanta expectativa, quantos pensamentos passavam pela minha cabeça... mas de modo geral eu estava animada e disposta a entrar de cabeça para o mundo das solteiras.

Ainda era cedo, então a Nina e eu fomos jantar com uma amiga, comemos um hambúrguer e uma megasobremesa, nem parecia que meu estômago estava revirado, porque consegui comer com tranquilidade. Depois, a Nina foi comigo de metrô até a porta da balada, afinal ela era melhor com a localização de Nova York do que eu, e eu não queria chegar sozinha. As meninas já estavam me esperando, sentadas em um banquinho, todas arrumadas e de preto também, parecia até que havíamos combinado. A Nina se despediu, e aí o meu medo aumentou, porque eu queria ela ali comigo, do meu lado, mas ela entrou no metrô e foi embora. *Respira fundo, Fabiana, você consegue.* Era o que eu tentava dizer para mim mesma.

Fomos para a balada que elas haviam escolhido, eu nem sabia direito onde eu estava, mas infelizmente a balada estava fechada. Parecia que algo estava conspirando para aquela noite não acontecer, mas calma, sem pensamentos negativos. Fomos para o endereço de outra balada e *tchan...* Estava aberta. Era um prédio comercial bem alto e a balada ficava no topo do prédio, no *roof top*, como eles dizem,

então pagamos pra entrar e pegamos o elevador. O meu coração estava disparado. Me olhei no espelho umas dez vezes para checar o visual e também para olhar nos meus olhos e dizer para mim mesma (mentalmente, é claro): *Você vai arrasar!*

As portas se abriram e a balada ainda estava bem vazia, porque era cedo. Estava bem escuro, a música eletrônica já estava tocando, pude reparar que havia vários *lounges* com sofazinhos, mas todos tinham uma plaquinha de reservado. O bar era bem comprido e fomos direto até ele. Pedimos um *shot* de tequila já para esquentar. *Fabiana, vai com calma, é pra se jogar de cabeça, mas nem tanto.* Depois atravessamos umas portas de vidro que havia ao redor de toda a balada e fomos para a “varanda”, onde dava para ver a cidade toda do alto. Que vista linda! Várias luzinhas acesas, diversos prédios altos, algumas árvores, muitos carros passando... para muitos pode ser uma imagem poluída, já eu gosto dessa muvuca da cidade grande, onde tudo está sempre em movimento.

Até então estava tudo bem, eu havia me estressado à toa. Nós, meninas, ficamos em uma rodinha conversando, colocando o papo em dia enquanto a balada começava a encher e a ganhar vida. Nesse meio tempo, tomamos mais algumas bebidas. Tudo começou a ficar mais devagar, em câmera lenta, era o efeito da bebida, mas eu estava bem, estava dançando e, claro, de olho nos homens que passavam. Tem uma coisa muito diferente sobre flertar fora do Brasil, nos Estados Unidos os homens não chegam diretamente nas mulheres, o que pode ser bom, porque as mulheres conseguem curtir a balada em paz, mas, vendo por outro lado, complica muito quando você não tem coragem de tomar iniciativa. Confesso que meu intercâmbio na Austrália já havia me preparado para aquele momento, não era novidade, porém eu estava fora de forma.

Lembro que um cara moreno passou por mim e me chamou atenção, não sei dizer, mas algo me atraiu, então comecei a “seguir-lo” na balada. *Que medo de você, Fabiana, sua stalker.* Eu precisava descobrir se ele não estava acompanhado, ver se era realmente interessante. Então decidi dar sinais de que estava interessada, só que parecia que o cara não estava prestando atenção em nada, não apenas em mim, mas em mais nada que estava acontecendo. Até que, finalmente – digo finalmente

porque pra mim parece que demorou muito, mas não tenho certeza de quanto tempo se passou – nos beijamos.

Eu estava beijando um estranho, um gringo, com um nome esquisito, porém gato, isso é um fato. Mas não era isso o que me vinha na cabeça, eu só consegui pensar que eu era, sim, capaz de beijar outras bocas sem ser a do meu ex e gostar disso. Mas como? Eu passei tantos anos achando que ele era o único capaz de me fazer feliz. Acontece que a felicidade não está ligada a uma pessoa, e sim a nós mesmos. Nós somos os únicos responsáveis pela nossa felicidade. Às vezes só demora para que percebamos isso. Posso estar parecendo exagerada para você, caro leitor, e sei até que às vezes eu sou mesmo, mas eu vivi tanto tempo dentro de uma bolha que eu mesma criei, que tudo parecia ter mais intensidade agora que ela havia estourado.

Quando eu abri os olhos, tudo girava, eu olhava para o teto do quarto, a Nina ainda dormia do meu lado, minha cabeça latejava, meu corpo suava frio, isso só podia querer dizer uma coisa: bebi demais na noite passada.

A ressaca me acordou com um soco no estômago, fazia muito tempo que eu não bebia desse jeito, as cenas da noite anterior passavam como flashes na minha cabeça. Lembrava da vista, das risadas com as meninas, lembrava da cena em que a gente virava um *shot* de bebida, depois outro, ui, arrepiei de novo e o estômago revirou umas três vezes, então lembrei que vi um cara passando por mim, vi que eu estava beijando ele, sorri! Minha primeira noite de volta à pista e eu já estava novamente no “jogo”. No fim das contas, eu não estava tão enferrujada assim, acho que é como andar de bicicleta, a gente não desaprende.

Tomei um banho e muita água pra tentar de alguma forma me desculpar com o meu corpo pelo inconveniente da ressaca, mas eu ainda estava muito acabada e voltei a dormir. Perdemos a manhã de passeio e, assim que acordei novamente, a Nina também já estava acordada e se arrumando.

— E aí, como foi ontem? — ela perguntou ao ver que eu havia me sentado na cama.

— NINA!! — falei quase dando um pulo da cama, com um sorriso de orelha a orelha. — Eu beije um carinha ontem! AHHH... — Dei um gritinho e me joguei na cama, minha cabeça começou a girar

novamente, achei por um segundo que a ressaca tinha me deixado em paz, mas não era o caso.

— E ele era bonito? Como foi? — ela perguntou curiosa.

— SIM! Era gato, gringo, mas não foi fácil. — Eu ri. — Fiquei a noite toda seguindo o cara, dando sinais, e ele não se tocava. — Depois que eu disse isso em voz alta, percebi que soava muito pior do que dentro da minha cabeça. — Na Austrália era parecido, as meninas é que chegavam nos meninos. Enfim...

Rimos, contei mais detalhes, falei que as meninas me levaram até o hotel, porque eu estava com medo de me perder no metrô, afinal, eu não tinha internet no celular para ir seguindo o GPS, contei como era a balada, falei da vista e dos drinks. Eu achei, por muito tempo, que nunca viveria essa fase novamente, fazia mais de três anos que eu não sabia o que era ser solteira e, na verdade, era a primeira vez que eu era solteira e maior de idade, então era diferente de antes. *Calma, Fabiana, só teve uma noite que você foi pra balada, vida de solteira não se resume a isso.*

Enfim, saímos do hotel para passear, almoçamos, fizemos mais compras, meu Deus como a gente comprou nessa viagem! Comemos cupcakes, encontramos novamente com as meninas do encontrinho para jantar, inclusive as que foram na balada comigo, e tivemos uma noite supergostosa e divertida. Chegamos ao hotel e a saga para fazer tudo caber na mala começou, eram muitas compras, mas na verdade era mais sacola e embalagem do que coisa mesmo, e depois de um bom tempo de arrumação conseguimos guardar tudo e fomos dormir.

O último dia da nossa viagem chegou! Não tínhamos muito tempo, mas ainda conseguimos dar uma passadinha na farmácia, fizemos *checkout* no hotel e ficamos no lobby usando a internet e esperando dar o horário de ir para o aeroporto. Eu ainda não sentia que era o fim, foi uma viagem tão gostosa, com tantos momentos bons, acontecimentos inusitados, que só quando entrei no avião me dei conta de que eu estava voltando pra casa, e isso queria dizer também para a rotina. Por alguns dias, vivi em “outra realidade” ou fora dela, pois quando você está viajando os problemas do cotidiano parecem sumir. A saudade de algo que me foi tirado parecia não existir mais, mas na verdade ela estava ali, incubadinha, enquanto eu vivia os momentos de diversão na viagem. Que bonzinhos essa saudade e esses sentimentos, né? Mas será que

seria assim quando eu estivesse sozinha na cama do meu apartamento em um sábado à noite? E durante a TPM?

O avião pousou, mais uma vez aquele sentimento de tensão me invadiu, mas agora era uma tensão de medo, medo do que viria pela frente, medo do novo, medo do desconhecido, medo de ficar sozinha, mas, mais uma vez, eu ia encarar com medo mesmo. Pegamos nossas malas e fui pra casa pronta para a próxima aventura, se é que podemos chamar assim.

